

À margem da Boca do Rio

Escolhido para abrigar uma invasão, o bairro criou sua própria infra-estrutura

HILCÉLIA FALCÃO • REPÓRTER

Na foz do poluído Rio das Pedras nasce a história de um reduto de antigas invasões. A Boca do Rio começou nas imediações de onde hoje funciona a sede do Clube Bahia, lá pelos idos de 1950. Mas a grande reviravolta que deu a cara de bairro ao local aconteceu na década de 60 com a chegada dos moradores da invasão *Bico de Ferro*. Milhares de pessoas foram retiradas, pela polícia, da área hoje ocupada pelo Bahia Othon Palace Hotel, em Ondina, e transferidas para o terreno, à época um areal cheio de mato.

O então prefeito Antonio Carlos Magalhães, que ordenou a re-locação, precisava livrar a área e abrir espaço para a construção das avenidas de vale. A solução foi dar aos moradores da *Bico de Ferro* um terreno da prefeitura, antes pertencente à antiga Companhia do Queimado, localizado nas imediações da desembocadura do Rio das Pedras, daí o nome *Boca do Rio*. As terras haviam sido adquiridas pelo governo municipal no início do século.

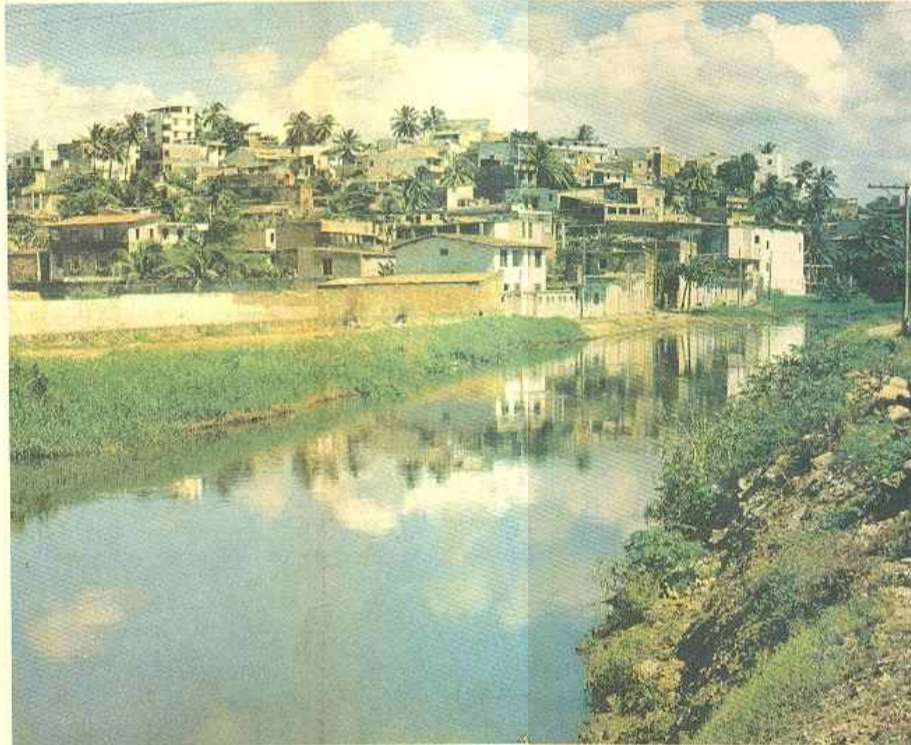
"Era pra mais de duzentas casas, veio todo mundo de caminhão. Tudo aqui era areia, não tinha asfalto, não tinha nada", lembra o ambulante Roberto Borges, 54 anos, conhecido no bairro como *Negão*. A transferência foi conturbada. Quem atesta é Carlos Moreira Villanueva, membro da coordenação do Fórum Comunitário da Boca do Rio. "Foi uma coisa brutal, houve polícia e tudo mais. O pessoal estava instalado há algum tempo na *Bico de Ferro* e teve que sair de forma brusca", conta Villanueva.

Levas de moradores chegaram de caminhão e foram ocu-

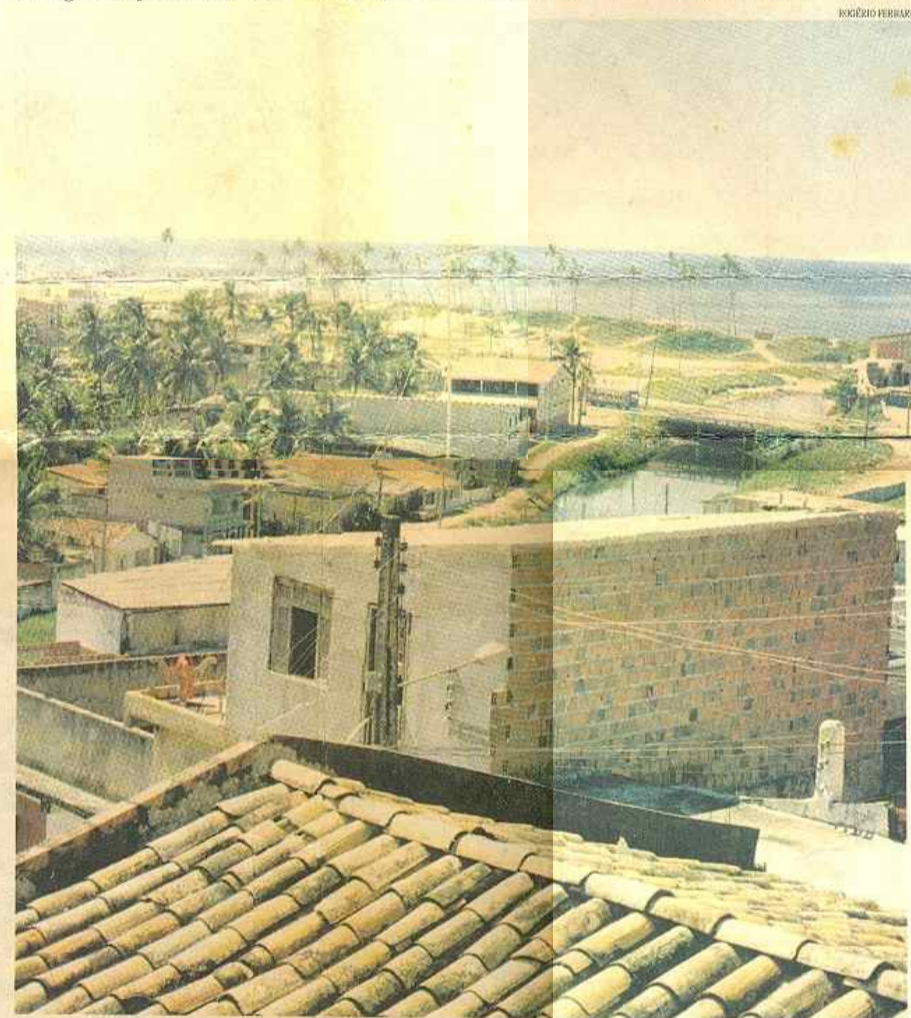
pando aos poucos, e como podiam, as dunas do terreno. Barracos de madeira e pau-a-pique cobertos de lona foram as primeiras habitações daquela comunidade. "Era uma ventania que, junto com as chuvas, muitas vezes fazia o barraco desabar", conta Negão, que mesmo assim ainda agradece ao prefeito da época a posse do terreno. No período de chuvas, a água invadia as casas e inundava, até hoje vítima dos alagamentos. No fim de linha do bairro, a água chega até a quase um metro de altura.

Dos 40 mil moradores que habitam o bairro, apenas 800 receberam os títulos de posse do terreno. Quinhentos deles foram entregues pela Secretaria de Terras e Habitação (Setha) da Prefeitura no ano passado, mais de 20 anos depois da transferência. Segundo o ex-coordenador do fórum comunitário, Denilson Rehem, apesar do esforço da entidade, a legalização da posse da terra no bairro tem sido cada vez mais complicada. Na tentativa de viabilizar a entrega de mais 500 títulos este ano, a coordenação do fórum tenta reunião com representantes da Setha ainda este mês.

A questão da posse legal da terra parece não incomodar alguns habitantes da área, acostumados à comodidade de morar perto de tudo. Na Boca do Rio há pelo menos cinco escolas públicas, além de uma particular de grande porte, uma feira, açougues, padarias, farmácias e supermercados. A variedade de opções nem de longe lembra o areal cedido pela Prefeitura, como alternativa de moradia para quem já não tinha mais para onde ir.



O antigo areal foi substituído por um rápido crescimento urbano desordenado e problemático



O local tem 40 mil moradores, mas apenas 800 receberam título de posse dos terrenos onde vivem



Futebol é um dos principais divertimentos da criançada do bairro

Uma mistura de invasões e mansões

Do último andar do Centro de Convenções, a Boca do Rio vira um presépio de contradições imobiliárias. Vistas do alto, as casinhas da *Baixa Fria*, construídas num charco, contrastam com os prédios vizinhos do Stiep. No bairro, há também os casarões das invasões de colarinho branco. Pelo lado da orla, a Boca do Rio fica espremida entre a praia de Armação e Pituaçu.

A vizinhança nobre serve apenas para confundir os visitantes desavisados. "Quando chove o fim de linha fica intransitável, as casas comerciais tiveram que suspender as calçadas por causa dos alagamentos", reclama Carlos Moreira Villanueva, há mais de seis anos morando no local. A despeito do número de escolas e casas comerciais existentes no bairro, a

área padece dos mesmos males da periferia de Salvador. Falta saneamento básico e opções de lazer para a população. O morador da Boca do Rio se diverte mesmo no *baba* ou no mar da poluída Praia dos Artistas. Há, inclusive, quem ignore o esgoto e pesque na praia. O parque do Antigo Aeroclube, com projeto na Prefeitura para virar área de lazer, hoje é apenas local de treino de auto-escola.

A feira do bairro, ainda é problema para os moradores. "Quando a feira acaba, é uma sujeira generalizada, inclusive nos jardins e quintais das casas da área", conta Villanueva. Existe a proposta do fórum comunitário do bairro para que os 200 feirantes sejam transferidos para o fim de linha. Isso só pode ser feito depois que os alagamentos forem resolvidos.

O local já foi ponto de pesca de baleia

A história da propriedade do terreno da Boca do Rio coincide com o período imediatamente depois da fundação da cidade. Do primo de Tomé de Souza, passando pelos monges beneditinos e a Companhia do Queimado - que deu origem à Embasa -, o terreno acabou nas mãos da Prefeitura de Salvador. O município adquiriu o imóvel em 1905, quando comprou, em 30 de setembro daquele ano, toda a propriedade da companhia de abastecimento de água da cidade.

De acordo com o historiador Cid Teixeira, a área ao longo do que é hoje a Avenida Otávio Mangabeira teve três grandes proprietários - D. Antonio Ataíde, conde de Castanheira, primo de Tomé de Souza e homem da maior aproximação com o rei D. João III; os monges beneditinos e o povoador Garcia D'Ávila. Todas estas três sesmarias foram concedidas pelo pró-

prio primeiro governador no início do mandato. Os beneditinos e o senhor da Casa da Torre logo trocaram áreas. Já as terras de Castanheiras ficaram intactas, sempre nas mãos de descendentes da família.

No século XIX, entretanto, um acordo mudaria os rumos da posse da terra naquela região. Nascera, na Bahia, Manoel Inácio da Cunha Menezes, filho do governador Manoel da Cunha Menezes, enviado por Portugal. Segundo Cid Teixeira, este governador, solteiro, ao voltar para Portugal casou com a condessa de Lumiares, herdeira do patrimônio original do conde de Castanheira, proprietário das terras daquela área. Mais tarde, na época de reconhecimento da paternidade de Manoel Inácio - depois, crônde do Rio Vermelho - as terras do que hoje é a orla marítima passaram às mãos deste.

O terreno incluía a Boca do Rio. No local, Manoel Inácio explorava a pesca de baleia e a industrialização do óleo. Ele morou numa casa de dois pavimentos, depois transformada em sede do Aeroclube, que foi demolida. Segundo o historiador, a oficina de trabalho do óleo estava onde hoje existe um restaurante, na chamada "casa de pedra". O conde do Rio Vermelho teve também uma participação importante e decisiva nas lutas pela Independência da Bahia, sendo mediador entre o general Madeira de Melo e o marechal Duque de Caxias, pois evitou o conflito entre eles, orientando o primeiro a deixar a cidade no dia 1º de julho.

A Companhia do Queimado comprou os terrenos de Manoel Inácio, área necessária à instalação da Estação da Bolandeira. O local foi comprado anos depois pela Prefeitura, hoje proprietária legal de todas as terras da região.

CIDADES DA BAHIA

◆ Asfalto

A primeira rua a ser asfaltada na Boca do Rio foi a Rua da Moenda. Quem garante é o ambulante Roberto Borges, 54 anos, mais conhecido como *Negão*. Embora não consiga localizar o fato no tempo, ele lembra que na época o calçamento foi somente até a metade da rua. A urbanização do bairro teve início na gestão do prefeito Mário Kertész.

◆ Água

Quando as mais de 200 famílias da invasão Bico de Ferro chegaram à Boca do Rio não havia água nem luz no local. A maioria abastecia suas casas pegando água num reservatório da Embasa. A primeira área ocupada foi um lugar conhecido até hoje como Alto de Ondina.

◆ Ônibus

O sistema de transporte na área também era extremamente precário. Os moradores eram obrigados a andar até a orla para pegar um ônibus. A ITT foi a primeira empresa a rodar na área, hoje servida pela BTU. Há linhas para a Lapa e o Campo Grande, entre outras. A situação é melhor que antes, mas ainda há quem perca muito tempo à espera de um ônibus para o bairro.

◆ Poluição

Apesar da poluição provocada pelos esgotos que desembocam *in natura* no mar, a praia continua sendo a principal diversão dos moradores da Boca do Rio. A Praia dos Artistas, assim conhecida por ter sido muito frequentada por Gil e Caetano, é uma das preferidas pela comunidade local. Além disso, os campos de futebol são a única opção alternativa de lazer.

◆ Parque

A Prefeitura embargou o projeto de urbanização do parque do antigo Aeroclube, vencedor do concurso nacional de idéias. O Centro de Planejamento Municipal acabou negociando com os autores a reestruturação do projeto, que ainda não saiu do papel. A intenção é transformar o local num espaço de lazer público, dotado de área verde. No projeto inicial estava prevista até a construção de um parque aquático.